

A COMPANHIA DE JESUS E O COLÉGIO DE SÃO PAULO, EM GOA (1548-1558)

Felipe Augusto Fernandes Borges (Doutor em História)
Instituto Federal do Paraná
felipe.borges@ifpr.edu.br

Introdução

Este texto é parte da pesquisa que resultou em nossa tese de doutorado em História, sob o título “Jesuítas no ‘Estado da Índia’: O Seminário de Santa Fé e o Colégio de São Paulo em Goa (1541-1558)” (BORGES, 2018). O objetivo central neste artigo é discorrer sobre a fundação, a trajetória e desenvolvimento iniciais do Colégio de São Paulo em Goa, na Índia, criado pelos jesuítas em 1548 a partir das experiências da Ordem na administração do Seminário de Santa Fé, doado a eles em 1541. O trabalho trata a respeito da história, da trajetória de acontecimentos e fatos ocorridos no Colégio de São Paulo a partir de 1548, englobando o início do desenvolvimento dos trabalhos no Colégio. Nos empenhamos, ainda, num balanço dos resultados das ações de educação, catequese e aportuguesamento, empreendidas no Colégio.

O fato de haver instituições do porte do Colégio de São Paulo, em Goa, ilustra, de certa forma, o papel central que a religião cristã ocupava na cultura lusitana. Conforme Paiva (2012), podemos afirmar que, no século XVI, ser português era sinônimo de ser cristão, visto que o Cristianismo estava no cerne da cultura portuguesa. Decorre daí a necessidade de cristianizar aqueles a quem se queria “conquistar”.

Sendo assim, nos espaços de domínio e influência portuguesa, ocorre uma tentativa de “aportuguesamento”, isto é de impor ao outro a cultura, principalmente religiosa, ocidental portuguesa. No entanto, é importante lembrar que as “trocias culturais” que ocorrem no contato entre povos distintos não permitem que esse projeto se realize completamente. O conceito de aportuguesamento, aqui utilizado, expressa a tentativa dos portugueses de impor, tanto em seus domínios no Oriente quanto na América, sua cultura aos povos contatados. O termo aportuguesamento, empregado por Paiva (2006), para nós, significa uma tentativa de impor uma cultura cristã ocidental e católica aos povos conquistados, entretanto uma cultura religiosa com características próprias de Portugal, sob uma ortodoxia católica romana maior, quando comparada com outras regiões da Europa Ocidental. Cabe deixar claro que o conceito de

aportuguesamento remete, como dissemos, a uma **tentativa** de imposição da cultura portuguesa. O conceito não exclui o fato de que, nessa tentativa, houve trocas culturais, de ambas as partes, com os povos contatados recebendo elementos da cultura portuguesa e estes, à sua vez, recebendo elementos próprios dos povos com os quais entravam em contato. Uma forma de vermos essa relação é a apropriação que houve por vezes, principalmente por parte dos jesuítas, de elementos das culturas locais, especialmente a língua, ainda que com a finalidade de usar tais elementos como ferramentas de apoio à catequese.

O recorte temporal utilizado na pesquisa vai de 1548, ano da fundação do Colégio de São Paulo, em Goa, ao ano de 1558, quando ocorre a ordenação de André Vaz, o primeiro sacerdote canarim (que é como os portugueses chamavam os nativos de Goa) ordenado na Índia. As fontes consultadas são documentos e cartas da época, que constam das coletâneas “Documenta Indica”, organizada pelo jesuíta Joseph Wicki e “Documentação para a História do Padroado Português do Oriente”, do padre António da Silva Rego. O leitor acurado provavelmente sentirá falta de algumas obras historiográficas caras ao tema do Oriente Português. A falta se justifica pelos limites deste artigo, que impossibilitam uma retomada historiográfica ampla. Nosso foco, neste trabalho, foi privilegiar o uso das fontes e a interpretação sobre elas, sem dar as costas para a historiografia, que nos serve de arcabouço.

O Colégio de São Paulo a partir de 1548: a administração e o ensino da Companhia de Jesus

Antes de iniciar a exposição do tópico vale fazermos algumas observações no tocante às nossas fontes. Em sua maioria, neste trabalho, nossas fontes são constituídas por cartas jesuíticas, organizadas e comentadas por historiadores que, além desse ofício, são ainda religiosos. O que desejamos pontuar é que os documentos e cartas apresentam visões de homens, em sua maioria religiosos, jesuítas, que estavam comprometidos com a expansão portuguesa e com a manutenção do Colégio.

Na esteira dessas reflexões, dois trabalhos devem ser aqui mencionados também como condutores em nosso processo de análise das fontes. O primeiro, de Pécora (2008), o segundo, de Lodoño (2002).

Em seu artigo, Pécora faz uma análise dos cinco momentos formais que compõem as cartas dos padres da Companhia de Jesus. Baseados na “*ars dictaminis*”, ou seja, na “arte de escrever cartas”, os inacianos, segundo Pécora, tinham claros os cinco momentos principais daquela, quais sejam, “*salutatio, captatio benevolentiae, narratio, petitio e conclusio*” (PÉCORA, 2008, p. 39-40). Toda essa metalinguagem, implícita nas cartas jesuíticas, tinha como objetivo principal captar a atenção do leitor para a missão religiosa. Fossem os leitores leigos ou mesmo superiores religiosos, o intuito das cartas era despertar naqueles o desejo de fazer o possível para auxiliar nas missões. Já Lodoño analisa as cartas jesuíticas, mostrando, sobretudo, o caráter de intencionalidade das mesmas. O autor afirma com relação às cartas dos jesuítas que “[...] uma boa parte das cartas teria sido produzida com o propósito claro de edificar [...]”, ou seja, o autor destaca que tal escrita “apontava para as ações que serviam para manifestar a presença divina, estimular a Fé do próximo e infundir piedade. As cartas estavam determinadas pela sua função, seus destinatários e objetivos particulares (LODOÑO, 2002, p. 12). As questões, posicionamentos e advertências propostas pelos autores citados, com relação às cartas jesuítas, permeiam nosso olhar sobre elas, além do que entendemos ser importante estender tais cuidados às demais fontes também, mesmo que não sejam todas originárias de membros da Companhia de Jesus.

A partir de 1547 o Seminário de Santa Fé, fundado por clérigos locais em 1541, passa a pertencer inteiramente à Companhia de Jesus. Tendo a experiência no Seminário já acumulada desde 1542, quando iniciaram sua cooperação na instituição, os jesuítas fundam, em 1548, o Colégio de São Paulo, subordinando o Seminário de Santa Fé a ele.

Algumas vivências do Colégio de São Paulo, observadas em nossa pesquisa, são interessantes de serem destacadas, por mostrarem um pouco do dia a dia dessa instituição e como se dava o processo de cristianização das populações, considerando as ações dos padres que lá desempenhavam suas atividades missionárias. Nas fontes é possível encontrar, datando já em 1548, narrativas que apontam para o que os padres considerariam como resultados do trabalho empreendido, ou, para usar a expressão das cartas, os “frutos” do Colégio. O projeto de colonização portuguesa passava a contar, paulatinamente, com uma massa de agentes dispersores da cultura e da religião cristãs,

portanto, de agentes para o aportuguesamento das populações. Veremos na sequência alguns exemplos do que podemos denominar de primeiros resultados dos trabalhos de catequese e doutrina cristã, feitos no Seminário e no Colégio.

Um desses documentos é uma carta escrita da cidade de Goa, a 28 de novembro de 1548, pelo então bispo D. João de Albuquerque ao rei D. João III (IN: WICKI, 1948, p. 324-332). O bispo conta ao rei sobre um gentio convertido e batizado no Colégio, destacando ser este homem de grande influência entre o povo local. Leiamos alguns trechos na escrita do próprio bispo Albuquerque:

O caso hé que omtem, domingo, bautisamos no colegio de Santa Fee a hum jemtio que se soia chamar Loquu, que aguora se lhe pos nome Luquas de Saa. O qual era o segundo Saulo em sostentar a todos os jemtios desta ilha e favorecer em sua seita. Foy mui riquo e abastado, e grande arremdador d'alfamdegua e das outras rendas de V. A. muito tempo, e mui amiguo e servidor dos guovernadores, e comtino no paço e favorecido; mui larguo guastador com os jemtios, damdo-lhe esmolos e fazemdo-lhes mercês porque não se tornasem christãos. (IN: WICKI, 1948, p. 325-326)

Na sequência, D. João de Albuquerque escreve sua descrição da conversão desse homem, fazendo um paralelo com a história de Saulo de Tarso que, segundo a Bíblia, sendo perseguidor de cristãos, encontrou-se com Cristo quando estava a caminho de Damasco, sendo ali convertido e posteriormente transformado no apóstolo Paulo. O que nos chama atenção no caso é ver a magnitude que tomavam a conversão e o batismo, a forma de celebração, a festa, a suntuosidade que era aplicada ao ritual em si, principalmente quando se tratava de um indivíduo com alguma expressão mais importante na sociedade local, como nos parece ser o caso ora contado pelo bispo. É um exemplo daquilo que Manso propõe ao mostrar que os jesuítas investiram sobremaneira na “ritualização” do culto e dos sacramentos, investindo em “expressões de culto com maior solenidade e magnificência, apostando na festa religiosa como mobilizador de conversões” (MANSO, 2009, p. 15). Principalmente por se tratar de uma figura importante na sociedade gentia local, a suntuosidade do sacramento se justificava para que, vendo os demais que um de seus “principais” se convertia ao cristianismo, tal conversão poderia ser maximizada ao nível simbólico, trazendo ainda outras pessoas para a religião cristã por sua influência.

Podemos ter uma ideia da celebração feita para marcar o dito batismo, lendo a continuidade da carta:

Com ele se bautisarão symquo pesoas, sua molher, dous guamquares omrados e hum seu sobrinho e outra molher. Fez-se grande festa, acodio toda a cidade a ver aquele bautismo, e todos os fidalguos e o Governador. Ouve chormelas e trombetas e atabales e ripicar de synos. Eu o bautisey, um Padre da Congregação levava o bacio, outro o saleiro, outro os óleos, outro um cirio na mão, outro os pavios em procição pola crasta, omde ouve de muitos omens fartas lagrimas. Gracia de Saa, governador, foy seu padrinho. Pregou o Padre Amtonio Guomez em favor dos christão da terra e da ffee, e quamto custarão as almas de Jesu Christo, mui bem e consolativamente. (IN: WICKI, 1948, p. 327)

Vejamos que toda a celebração acima acontecia no Colégio, para onde foi “toda a cidade”, tanto a população comum quanto os fidalgos. Na grande celebração, vemos um homem ser batizado pelo próprio bispo, tendo como padrinho o governador do Estado da Índia, e pregação no novo reitor do Colégio de São Paulo: não é demais repetir que a cerimônia foi suntuosa. O objetivo: alcançar as populações locais, mostrando, por meio de um exemplo exacerbado, quão honrados poderiam ser aqueles que se tornassem cristãos.

Outro exemplo que queremos levantar é o do japonês Anjirô. Este japonês, nascido em Kagoshima, conheceu Francisco Xavier estando em Malaca. Convertido ao Cristianismo, foi levado ao Colégio de São Paulo e doutrinado na fé cristã, sendo batizado com o nome Paulo de Santa Fé (BORGES, 2015). O próprio Anjirô escreve, do Colégio de São Paulo, uma carta ao padre Inácio de Loyola, datada de 29 de novembro de 1548, em que conta sua história, de como conheceu Xavier, converteu-se e foi batizado (IN: WICKI, 1948, p. 332-341). Esse mesmo Paulo de Santa Fé foi quem guiaria Xavier depois, em 1549, para sua viagem missionária ao Japão (BORGES, 2015). Trata-se de mais um exemplo de um elemento que, ensinado e doutrinado no Colégio de São Paulo, contribuiu para a dispersão da religião e da cultura portuguesas. Auxiliou Xavier a levar a religião cristã ao Japão, sendo, portanto, também um exemplo do alcance da influência cultural e religiosa do Colégio de São Paulo, mesmo fora dos limites do Estado da Índia.

Outro exemplo ainda a ser mencionado como resultado preliminar do alcance do Colégio de São Paulo está contido numa carta do padre Paulo de Camarte – o chamado Micer Paulo –, escrita do Colégio de São Paulo, em Goa, ao padre Simão Rodrigues, provincial português da Companhia de Jesus, datada de fins de dezembro de 1548 (IN: WICKI, 1948, p. 344-349). Na missiva o padre descreve atividades do

Colégio, dá notícias sobre alguns padres da Companhia e, em dado momento, escreve a Simão Rodrigues:

Do P^o. Belchior Gonçalvez não lhe posso por cartas escrever o seu grande fervor e charidade [...] em suas confissões e praticas [...] em suas pregações, não somente aquy no collegio, mas ainda pollas praças e ruas, particularmente onde estão os infieis e gentios. **Acompanha-o hum mancebo de casa que prega na sua lingua;** e assy anda o P^o. mestre Gaspar com outro **mancebo de casa que prega em sua lingua canarym**. E assy Nosso Senhor polla sua infinita bondade trouxe à conversão de sua santa fee muitos gentios e infieis. (IN: WICKI, 1948, p. 346, sem grifos no original)

Vemos já em 1548, por meio do relato acima transcrito, um rapaz “de casa”, isto é, dos internos do Colégio, que acompanhava o padre Belchior, pregando em língua nativa. Certamente que tal fato representa uma parte do que vem sendo defendido: a capilaridade que adquiriu, com o tempo, o ensino, a catequese, as letras e a cultura ministradas por meio da formação dos jovens no Colégio de São Paulo. Outro exemplo a enriquecer a análise é mostrado em carta do padre Nicolau Lancelote a Inácio de Loiola, escrita de Coulaão, em 29 de outubro de 1552. Na carta, Lancelote elogia o padre Henrique Henriques, residente àquele momento no Cabo de Camorim. Segundo o relato, o padre Henriques havia, com auxílio de nativos, confeccionado um livro em “malabar” com alguns conceitos cristãos, tais como os de criação do mundo, crucificação de Cristo etc... E por esse livro ensinava em língua autóctone, e, além disso, homens nativos, considerados pelo padre como “virtuosos” também ensinavam os nativos em lugar do próprio missionário (IN: WICKI, 1950, p. 376-384). É mais um de diversos exemplos de uso das línguas nativas para a catequese nos povos. Estudos recentes apontam para a escolha das línguas nativas como forma de deixar a mensagem do evangelho mais próxima, talvez mais palatável aos indianos – posição que pode também ser exacerbada para as missões jesuíticas em outros locais, como a América Portuguesa, por exemplo (BORGES, 2015).

Assim, uma das atividades de muito destaque destinadas aos alunos nativos do Colégio de São Paulo era o trabalho de tradutor, “línguas”, como eram denominados, a auxiliar os padres europeus que não dominavam os idiomas nativos. Uma das exigências e discussões ainda na implantação do Seminário de Santa Fé era sobre a idade necessária aos meninos que seriam recebidos. Eles não deveriam ser nem velhos e nem novos demais. Caso fossem velhos, a sua cultura e a sua religião estariam muito

enraizadas. Caso fossem muito novos, poderiam esquecer as línguas nativas. O cultivo da língua nativa por esses indivíduos era elemento caro aos objetivos que os padres lhes guardavam (BORGES, 2018).

Cabe ainda lembrar que uma das queixas recorrentes dos padres nos primeiros anos de missões, e mesmo de Xavier quando era recém-chegado à Índia, era de que a pregação por tradutores seria precária, pois estes, na maioria das vezes, não conheciam sequer os rudimentos da doutrina cristã, tornando a tradução complicada e, inferimos, muitas vezes distorcida. A estratégia jesuíta era dominar as línguas locais, o que não era tarefa fácil. Portanto, elementos cristianizados e ensinados, como os meninos residentes no Colégio, poderiam, sem dúvida, serem melhores “línguas” do que indivíduos sem formação cristã. E alguns assim o foram, como vemos em um exemplo de um rapaz enviado, por Francisco Xavier para Baçaim, a ser “língua” para o padre Belchior Nunes Barreto. Em carta escrita de Goa em 03 de abril de 1552, Xavier diz a Barreto que “Os dias pasados mandey lá a Paulo Gozerate, o qual foy emsinado neste colegio muitos anos: ele hé muito boa lingoa pera emsinar os christãos da terra, e lhes pregar tudo aquilo que o Padre lhe dixer” (IN: REGO, 1951, p. 124-126). Assim, vemos nesse exemplo um homem formado pelo Colégio de São Paulo em Baçaim que usava a formação religiosa e cultural obtida na instituição para auxiliar os padres na propagação dessa mesma cultura e religião.

O Colégio era ainda um centro evangelizador, um centro de dispersão da cultura cristã portuguesa para a Índia: era o local a que chegavam, ficavam e de onde se enviavam os padres e irmãos jesuítas que desembarcavam na Índia, mas não apenas estes eram dali enviados às missões. Ao que nos mostram as fontes, também os meninos criados no Colégio, tanto os órfãos quanto os “filhos dos homens principais”, eram por vezes enviados de lá para outras localidades a auxiliar na missão catequética. É o que nos mostra a carta geral do Colégio de São Paulo, escrita pelo Frei Ludovico Fróis para a Companhia de Jesus em Coimbra em 01 de dezembro de 1552 (IN: WICKI, 1950, p. 445-491). Nela, o frei conta: “Desta armada que aguora vai pera Urmus, [...] pediam ao Padre Padres et Irmãos pera levarem consigo, e dos meninos orphãos pera reprenderem os juramentos e consolarem os doentes e feridos; [...]” (IN: WICKI, 1950, p. 484). Não ficamos apenas nesse exemplo, mas também podemos corroborar a informação com

relato sobre a Costa da Pescaria, escrito pelo padre Henrique Henriques para o Geral da Companhia, em 13 de janeiro de 1558 (IN: WICKI, 1956, p. 18-38), dando-nos assim uma visão mais adiantada – cronologicamente – sobre o assunto. O padre Henriques assim escreve: “Dos moços que se emsinarão em ho colegio de Coulão e outros ensinados de Guoa, estão jaa espalhados por alguns luguares da Costa; delles são filhos de homens principaes, outros d'omens honrrados”. O padre Henriques prossegue asseverando quais seriam suas esperanças: “Esperamos que ao diante se resulte muyto mais fructo delles, porque, vindo elles a ter o mando, diguo, a serem os principaes no lugar, podem aproveitar não pouco aos outros” (IN: WICKI, 1956, p. 29).

O relato do padre Henriques é um pouco diferente do relato anterior, mas, do ponto de vista dos resultados, convergem num mesmo sentido. Enquanto no exemplo anterior meninos órfãos, criados e ensinados no Colégio de São Paulo eram enviados para serem como que “auxiliares” nas missões, no relato do padre Henriques vemos moços filhos de “homens principais” ou ainda de “homens honrados” que, ensinados nos Colégios de Goa ou de Coulão, voltaram para suas localidades, não necessariamente como sacerdotes, mas como elementos de destaque cristianizados, portadores, eles também, da religião cristã e da cultura portuguesa. Por assim dizer, eram elementos aportuguesados. A expectativa que o padre guardava era a de que, quando esses indivíduos fossem os principais, os líderes locais, levariam então consigo grandes partes de seu povo à conversão, ou, na linguagem dos próprios padres, “fariam fruto”. Cabe sempre fazer novamente a observação de que tais afirmações não pressupõem, sob nenhuma hipótese, uma total substituição das culturas locais pela portuguesa, mas consideramos mais um processo de hibridização das culturas, o que, sob certa ótica, já auxiliava consideravelmente o projeto colonizador português.

Os jesuítas de maneira geral e, também, na Índia, investiram muito tempo e esforço na catequese e ensino das crianças (BORGES, 2015). Nos trabalhos no Colégio de São Paulo não foi diferente: principalmente em relação aos nativos, as crianças mereceram especial atenção dos jesuítas, e isso muito por conta dessas crianças terem, alegadamente, menor ligação com as culturas locais, maior facilidade na absorção do cristianismo, domínio das línguas autóctones. Podemos ler uma das narrativas a esse respeito em carta do padre António Quadros, escrita de Goa ao provincial lusitano Jacó

Mirão em 06 de dezembro de 1555 (IN: WICKI, 1954, p. 329-354). Nela o padre conta sobre a escola de ler, escrever e doutrinar do Colégio e de como os meninos, uma vez ensinados, tinham ordem – e a cumpriam, a crer no relato do padre – de repassar os ensinamentos aos parentes e empregados de casa. Assim, o uso dos “meninos pregadores” (PAIVA, 2006) parece ter sido também na Índia uma grande ferramenta de maximização dos esforços de evangelização empregados pelos jesuítas. Podemos ver, a partir das fontes, que a cobertura de tal ensino e doutrina era tão grande em Goa que, segundo afirma o frei Aires Brandão em carta ao Geral, escrita em 1555, era raro encontrar em Goa um moço, de 15 anos para baixo, que não soubesse a doutrina:

De maravilha se achará moço de XV annos pera baixo que a nom saiba de cor toda [a doutrina cristã], e pola melhor cumprirem asi a si mesmos como em a fazerem cumprir aos outros tem tal maneira, **que asi polas ruas como en casa e em igrejas defendem** todas aquellas cousas em que conhecem que se pode offender Deus N. S., como são juramentos, murmurações e outras cousas semelhantes. E asi pareceo sempre cá ao nosso bendito P.º Mestre Francisco **que destes moços dependia a salvação de seus pais e mãis**, pois que com tanta efficacia encomendou esta instrução delles. (IN: WICKI, 1954, p. 369-370, sem grifos no original)

A esperança dos padres era posta nessas crianças, moços e rapazes que eram doutrinados e ensinados no Colégio de São Paulo. Não é à toa que Xavier, certa feita, orientando sobre o ensino das crianças e o batismo de recém-nascidos, escreveu com aparente indignação ao padre Francisco Mansilhas que “[...] os grandes nem por mal nem por bem querem hir ao paraizo [...]” (IN: REGO, 1950, p. 93). Dessa forma, insistia o missionário, os esforços dos padres e irmãos da Companhia deveriam convergir para a doutrina, catequese e batismo das crianças, que, estas sim, poderiam vir algum dia a “dar fruto”.

Vemos que o trabalho de ensino e catequese dos meninos no Colégio de São Paulo parece ter surtido o efeito esperado: depreendemos isso tanto do fato de que a estratégia tivesse se mantido sólida ao longo dos anos de funcionamento do Seminário e do Colégio quanto dos relatos lidos em que aparentes sucessos das atividades são informados e, por vezes, comemorados, como lemos acima. Além disso, podemos também destacar um trecho de correspondência entre o secretário de Loiola, padre João Polanco, e o provincial português Miguel Torres. A carta é escrita de Roma, por Polanco, e data de 21 de novembro de 1555 (IN: WICKI, 1954, p. 302-311). Em certa

altura do documento, Polanco fala sobre as práticas de ensinar ler, escrever e doutrina cristã no Colégio de São Paulo:

11. El enseñar a leer y a scrivir a los niños, ya me parece se haze en Goa, y junto con ello la dottrina christiana. Esto conviene continuarlo, porque se estenderá a muchos el fructo: y aun que no si use en estas partes en lo[s] collegio[s] de la Compañía, no es este trabajo ajeno de nuestro Instituto; y con tiempo creo se tomará también por acá; y en la India es de lo mejor que puede hazerse. (IN: WICKI, 1954, p. 307)

Segundo lemos em Polanco, o trabalho de ensinar ler e escrever, acompanhado da doutrina cristã, era muito bom e deveria ser continuado na Índia. Polanco admite que esse não era um trabalho feito nos Colégios da Companhia na Europa, mas um trabalho importante e poderia, talvez, ser replicado lá também. Estariam as experiências do Colégio de São Paulo a influenciar também os demais colégios da Companhia de Jesus? A nosso ver, podemos inferir que sim, pois, como já afirmamos, tratamos neste trabalho de um período de criação, de implantação dos primeiros colégios jesuíticos: certamente as informações sobre as experiências em todas as partes por onde estavam dispersos os jesuítas foram sendo tomadas, uma a uma, a formar o que depois seria o método oficial de educação da Companhia de Jesus. Sendo assim, podemos afirmar que o Colégio de São Paulo foi, sem dúvida, uma importante experiência que foi compartilhada e pensada por toda a Companhia de Jesus.

A variedade cultural, especialmente a cultura religiosa, e as várias línguas faladas pelos nativos por vezes se apresentavam como obstáculos à catequese e à transmissão da cultura. Mesmo com vários anos de experiência da Companhia de Jesus na Índia, com nativos já convertidos, a dimensão das variedades culturais e linguísticas ainda se mostrava como entrave ao processo de catequese. Frei Teixeira descreve que por vezes havia três ou quatro intérpretes, traduzindo a mensagem para todos e que, em outras oportunidades, havia apenas um para ouvir e ser catequizado, mas, para isso, eram necessários também três ou quatro intérpretes, um passando a mensagem a outro, até que fosse traduzida na língua daquele que estava ali para ouvir. Tudo isso nos dá uma ideia da diversidade cultural em que esses padres se encontravam imersos. Leiamos frei Teixeira:

5. Isto tudo se lhes dis polo mais facil modo que se pode, para que elles possam entender, falando-lhes por enterpetres de que há sempre muyta falta

polas muytas e diverssas nações que aquy concorrem, porque de quasi toda a nação destas partes vem caticuminos; algumas vezes se acontese que em huma mesma pratica se fala por tres e quatro enterpetres de diverssas linguoas a diverssos, e outras que a hum soo se fala por tres, quatro, que huns aos outros se vão enterpretando até chegar ao que se dirige a pratica. Vem tãobem de todas as seitas: judeos, mouros, jentios di diverssos ritos e costumes, e para suprir às faltas das linguoas hé às vezes necessaryo falar-lhes a nossa como elles a soem falar para que assi ao menos tomem alguma cousa. (IN: WICKI, 1956, p. 168)

Não obstante os entraves, segundo o relato do frei muitos eram batizados, sendo depois instados a persuadir filhos, mães, esposas, parentes e amigos de um modo geral a também virem “fazer-se cristãos”. Esses catecúmenos, depois de cristianizados e batizados, tornavam-se, eles também, elementos dispersores, propagadores da cultura portuguesa e da doutrina cristã, como nos mostra a sequência do relato:

E antes que se vão, os amoestamos da obrigação que tem a se guardarem na limpeza e pureza que do santo bautismo trouverão, e a trazerem a bautisar seus filhos e molheres, se ainda as não trouverão, e a persuadir a seus parentes, amigos e vezinhos. E asi se vão prometendo de asi o fazerem. [...] Alguns cumprem com o que prometem trazendo seus parentes, vezinhos e amiguos a se chatiquizarem, e por nam ficarem em falta nos amostrão dizendo que aqueles são seus parentes e que elles os perssuadirão e trazem, e dando-lhes os agardcimentos se tornão. Muytos trazem os pagodes que achão, quebrando-os e espedaçando-os. (IN: WICKI, 1956, p. 172)

É possível ainda perceber na documentação que, com o passar do tempo, o Colégio de São Paulo se tornou um centro importante não apenas para os membros da Companhia de Jesus, mas para a população local como um todo. Rapidamente – e isso não apenas na Índia – as formas de ser e trabalhar dos padres da Companhia de Jesus passaram a se destacar frente às demais ordens da Igreja, o que levava muitos, de cristãos portugueses a convertidos nativos, a depositarem naqueles padres sua confiança e admiração. Dessa forma, na Índia, o Colégio de São Paulo se tornou um reconhecido centro do cristianismo e também da cultura e das letras. Segundo os relatos, a Igreja que abrigava as celebrações dos padres, irmãos e alunos do Colégio ficava demasiadamente cheia: assim, algumas dessas “pregações” eram então realizadas no pátio do Colégio, de forma a compreender o maior número de pessoas possível (IN: WICKI, 1954, p. 369).

A centralidade do Colégio de São Paulo como principal fonte de cultura, letras e cristianismo na Índia não era reconhecida apenas por portugueses. Nativos, convertidos ou não, também pareciam compartilhar dessa visão. É interessante, por

exemplo, como Turan Shah II, rei de Ormuz – àquele momento subordinado aos portugueses –, escrevendo ao padre António de Herédia em carta datada de 18 de março de 1556 (IN: WICKI, 1954, p. 467-469), ao se referir à obediência que prestava aos padres da Companhia, afirma: “minha tenção hé seguir vosso conselho e obedecer a vossas palavras; e a mesma **obidiencia** que tenho dado a vossa pessoa **e ao collegio dessa cidade de Goa**, essa mesma dou aos Padres de Portugal” (IN: WICKI, 1954, p. 458, sem grifos no original). A obediência ao jesuíta se traduzia, também, na obediência ao Colégio. Este, nesse sentido, parecia representar a unidade e totalidade da Companhia de Jesus.

O ensino de aritmética no Colégio de São Paulo também parece ter tido papel relevante no que concerne à atração de indivíduos para a instituição. Podemos encontrar em nossas fontes algumas menções a “ensinar” ou “aprender a contar”, conforme vemos em trecho de uma carta escrita em dezembro de 1553, em que os irmãos Francisco Jorge e Miguel Teixeira discorrem sobre o número de alunos e o que eles aprendiam no Colégio. Segundo a carta, os “moços que ensinamos são por todos seiscentos e quarenta e cinco e destes são de casa vinte e seincos; são escrivais 350 e os mais são ledores; os que aprendem a contar serão 40 pouco mais ou menos [...]” (IN: REGO, 1951, p. 331). As referências ao ensino de aritmética também podem ser observadas em outros documentos, como, por exemplo, em carta, já citada, do frei Aires Brandão, feita em 1556: “E nos moços desta ilha de Goa hé feito muito fruto, assi no insino da escola em que os insinão a ler e escrever e aristmetica, [...]” (IN: WICKI, 1954, p. 575). Da mesma forma um trecho de uma carta do padre António da Costa, escrita em 1558, em que se diz sobre os alunos do Colégio: “Estes se exercitão em aprender a ler e escrever e contar, e estudar em aprender a doutrina [...]” (IN: WICKI, 1956, p. 191). Para Souza (1994), o ensino da aritmética no Colégio de São Paulo tinha importante papel no sentido de atrair nativos para a instituição, visto que “era uma área muito apreciada pelos nativos de mente voltada para os negócios” (SOUZA, 1994, p. 91). Segundo o mesmo autor, não era raro encontrar, inclusive, adultos frequentando as aulas de aritmética. Em outro trabalho, o autor ainda observa que muitos nativos iam para essas aulas de aritmética apenas para “aprender a contar”, sem a pretensão de estudar para serem clérigos (SOUZA, 2000, p. 124).

Evidentemente, como vimos, esse ensino de aritmética vinha acompanhado do ensino da doutrina cristã. Os jesuítas se utilizavam do interesse dos nativos pelo aprendizado para, por meio dele, introduzirem também o ensino cristão. Não obstante, parte do que era trabalhado no Colégio de São Paulo voltava-se também à formação de quadros qualificados para os trabalhos do Estado da Índia. Com os ofícios cada vez mais restritos aos cristãos – portugueses ou nativos –, tornava-se premente também dar a esses cristãos a formação necessária a desempenhar tais ofícios, e a aritmética era essencial para isso.

A tudo isso deve ainda ser somado o modo de ser e trabalhar da Companhia de Jesus. Como afirmamos anteriormente, nascidos no calor da Reforma Católica, os jesuítas incorporavam a seu modo de evangelizar formas de trabalho e persuasão até então não vistos na Igreja. Para Thomaz, os padres da Companhia de Jesus “[...] tinham uma organização muito mais desenvolvida e eficaz do que os religiosos que os tinham precedido” (THOMAZ, 1994, p. 253). Sendo assim, os inicianos estariam dispostos a várias atitudes a fim de alcançar seus objetivos, quais fossem, a conversão e salvação das almas, operando, inclusive, o que Boxer considerou conversões forçadas (BOXER, 2002). A conversão, naquele contexto, remetia também à cultura portuguesa. Parece que os portugueses, inclusive jesuítas sob o Padroado Luso, estavam “[...] mal colocados para separar os interesses da Igreja dos do Estado de que faziam parte e discernir a fronteira entre a evangelização e a assimilação à cultura portuguesa” (THOMAZ, 1994, p. 253). Concordamos com Thomaz, mas não sem ressaltar que, a nosso ver, os jesuítas, no Oriente, se tornavam tão mais intolerantes à cultura alheia quanto lhe permitia o braço do Estado da Índia: em regiões sem controle português, a adaptação jesuítica operava para “tolerar”¹ alguns pontos da cultura local. Nos locais de grande força e controle por parte da Coroa, como Goa, a intolerância era regra e a cultura local era tida como obra do demônio. Os jesuítas usavam o colégio e o braço secular. O colégio com a transmissão das letras e da cultura, entretanto, quando este não era suficientemente forte para completar a missão da catequese, recorria-se ao “braço secular”, a força da Coroa para sujeição do gentio. Compreendemos, assim, que a

¹ A respeito da adaptação e tolerância aplicadas às missões da Companhia de Jesus, são emblemáticos os casos de Francisco Xavier, no Japão, Roberto Nóbili, no Madurai, Mateus Ricci, na China e ainda outros. Sobre o assunto, ver: Borges (2015; 2018), Costa (2004), Tavares (2004) e Manso (2009).

estrutura, o funcionamento, as ações do Colégio eram possíveis pela força do Estado da Índia naquele tempo e lugar: não era coincidência que o Colégio se situasse em Goa, pois era ali, e apenas ali, onde, naquele momento, se reuniam as condições materiais e intelectuais para a realização da empreitada.

Assim, tendo por base toda esta exposição analítica, reafirmamos que a existência do Colégio de São Paulo em Goa serviu, amplamente, não apenas à divulgação da religião cristã, mas também para divulgação e disseminação da cultura portuguesa, dos modos de ser, viver e pensar lusitanos, para aquilo que optamos aqui por denominar de aportuguesamento.

Considerações Finais

Para fechar o período histórico a que nos propusemos analisar, neste trabalho, o Colégio de São Paulo, temos como marco a ordenação do primeiro sacerdote nativo formado em Goa. Trata-se de André Vaz, que é também o primeiro canarim – que é como os portugueses chamavam os naturais de Goa – a ser ordenado sacerdote na Índia. Era este o mesmo “André Canarim”, que aparece em carta do reitor António Gomes, escrita em 1548, sendo mestre de Latim no Colégio de São Paulo (IN: WICKI, 1948, p. 411). A ordenação de André Vaz como padre secular representa, a nosso ver, a coroação, depois de 17 anos, do intuito do vigário geral Miguel Vaz e do padre Diogo de Borba, fundadores do Seminário de Santa Fé (precursor do Colégio de São Paulo).

Um relato da ordenação de Vaz pode ser lido em carta do jesuíta padre António da Costa, escrita por ordem do provincial D. Gonçalo, datada de 26 de dezembro de 1558, aos irmãos da Companhia de Jesus em Portugal (IN: WICKI, 1956, p. 174-199). Como mostra o relato do padre, houve grande pompa e exuberância tanto na ordenação de Vaz quanto na primeira missa realizada por este, a marcar a importância do ato perante a sociedade portuguesa e nativa de toda a Índia. Para não perdermos detalhes da narrativa, lemos no excerto o relato como escrito pelo padre Costa:

Antre os Padres que o Patriarcha ordenou este anno de missa, foy hum da terra, da nação canarin, assi por ter as partes necessarias para administrar as ordens como por aver muytos annos que dava bom exemplo de ssi, exercitando sempre em ensinar a doutryna aos meninos christãos em huma ygreja de São João que estaa fora desta cidade, e por ser filho de esta casa e criado nella dos primeyros mininos que no collegio se recolherão. Foy [o]primeyro sacerdote desta nação que nesta terra se ordenou. Quiz o Padre

Dom Gonçalo que cantasse missa neste collegio com a mais solennidade que podesse ser, a qual disse dia d'Acenssão com diacono e subdiacono e seus padrinhos; officiarão-na os meninos do collegio e com muytos generos de instrumentos; esteve a ella o Governador; despois de acabada a pregação foy a oferta; estava a igreja toda chea de gente nobre portugesa e alguma da terra e sua mãy e parentes, os quais vinhão com suas ofertas a beijar-lhe a mão com as lagrimas nos olhos de prazer. O Guovernador, por lhe fazer honrra e gasalhado, comeo no collegio e teve consiguio à mensa os visinhos e amigos de casa. Festejarão-no com jugar as canas e correr a manilha à porta do collegio que estava bem enrramada. Achou-sse a tudo isto o Guovernador. Foy grande alegria en todos, especialmente nos christãos da terra, os quais lhe tem grande reverentia; ensinão-nos e confissão-nos pola lingua. Esperamos que fará muito serviço a N. Senhor, pois elle foy servido de o escolher e apartar d'antre os outros todos, para comfiar delle sua gloria e honrra. (IN: WICKI, 1956, p. 192-193)

A ordenação de André Vaz em 1558, como primeiro sacerdote goês formado no Colégio de São Paulo, representa, assim, o coroamento dessa missão, o ponto a que se queria chegar. Embora fosse apenas um nativo ordenado em 1558, a ordenação representou muito mais que apenas mais um padre para as missões, representou a completude de um processo de catequese, de cristianização. Neste personagem, o processo de aportuguesamento e cristianização parece ter sido completo: além de um cristão, tornou-se um sacerdote e, por assim dizer, um elemento de divulgação tanto da religião cristã como da cultura lusa. Dessa forma, vemos que não somente em André Vaz – este é apenas um representante do todo – mas em Goa principalmente, e na Índia como um todo, a influência da formação, da educação e da cultura do Colégio de São Paulo foi sentida. Sobretudo pela influência dos indivíduos que passaram por sua formação, tendo ou não se tornado sacerdotes, a influência das letras, costumes e cultura portugueses e cristãos, trabalhados no Seminário de Santa Fé e no Colégio de São Paulo, pôde ser sentida muito além dos limites das próprias instituições. Considerando o cristianismo um dos elementos aglutinadores, usados pelos portugueses para manter a unidade de sua rede (THOMAZ, 1994), o papel do Seminário e do Colégio como instituições de sua dispersão e difusão pode ser entendido como essencial para o desenvolvimento do aportuguesamento, contribuindo, inclusive, nos processos de consolidação da influência e controle exercido pelo Estado da Índia.

Fontes

REGO, António da Silva (org.). **Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente**. Vol. III. Lisboa: Agência Geral das Colônias, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses. 1950.

_____. **Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente**. Vol. V. Lisboa: Agência Geral das Colônias, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses. 1951.

WICKI, Joseph. **Documenta Indica**. Vol. I. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu. 1948.

_____. **Documenta Indica**. Vol. II. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu. 1950.

_____. **Documenta Indica**. Vol. III. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu. 1954.

_____. **Documenta Indica**. Vol. IV. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu. 1956.

Referências

BORGES, F. A. F. **Educação e Catequese: missionários religiosos a serviço de Portugal no Estado da Índia (1499 A 1552)**. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá: UEM, 2015.

_____. **Jesuítas no “Estado da Índia”: O Seminário de Santa Fé e o Colégio de São Paulo em Goa (1541-1558)**. 256 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá: UEM, 2018.

BOXER, C. R. **O Império Marítimo Português (1415-1825)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

COSTA, C. J. **A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599)**. Tese de doutoramento (Educação). Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2004.

LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 43, pp. 11-32, 2002.

MANSO, M. de D. B. **A Companhia de Jesus na Índia (1542-1622): Atividades Religiosas, Poderes e Contactos Culturais**. Évora: Universidade de Évora; Macau: Universidade de Macau, 2009.

PAIVA, J. M. de. **Colonização e Catequese**. São Paulo: Arké, 2006.

_____. **Religiosidade e Cultura Brasileira: séculos XVI – XVII**. Maringá: EDUEM, 2012.

PÉCORRA, Alcir. Epistolografia Jesuítica no Brasil, Grão-Pará e Maranhão. **Revista Estudos Amazônicos**, Vol. III, nº 1, 2008, p. 39-46.

SOUZA, T. R. de. **Goa medieval: a cidade e o interior no século XVII**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

_____. O ensino e a missionação jesuíta na Índia. IN: GONÇALVES, N. da S. **A Companhia de Jesus e a missionação no Oriente**: Actas do Colóquio Internacional promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria. Lisboa: Brotéria – Revista de Cultura & Fundação Oriente, 2000. p. 117-132.

TAVARES, C. C. da S. **Jesuítas e inquisidores em Goa: a cristandade insular (1540-1682)**. Lisboa: Roma Editora, 2004.

THOMAZ, L. F. **De Ceuta a Timor**. 2. ed. Lisboa: Difel, 1994.